

Fernando Pessoa

## **FRANZ: Isto de ser soldado**

[FRANZ]:

Isto de ser soldado  
Tem uma filosofia obrigatória  
Como o pé ao fim da perna. Hoje vivo  
Amanhã morto. . . D'aqui se conclui  
Que sendo o vivo vivo enquanto é vivo  
É morto é morto.

OUTRO:

Tira-lhe o cangirão da mão oh Vesgo

[FRANZ]:

Ia eu dizendo — deixa o cangirão! —  
Que quem hoje vive e que não sabe  
Se amanhã viverá é viver hoje  
Por amanhã. Como isto de amanhã  
Nem é aí um dia, mas é muitos  
Enquanto a gente vive é ir vivendo  
Em cada dia como se ele fosse  
Uma vida completa  
— Bravo o vinho  
Faz a este pensar. O que diria  
O teu tio bêbado, oh Francisco?

[FRANZ]:

É esta

A tal filosofia do soldado  
A qual, senhores, a pensarmos bem  
É a de toda a vida. E não é pouco.

FAUSTO:

Dá-te o vinho razão, amigo. O homem  
É um soldado. E este com certeza  
De morrer no combate de amanhã.  
Portanto a tal (...) filosofia

Que entre goles aí me gaguejaste  
É mais certa que pensas, meu amigo.  
É viver hoje que amanhã na vida  
Não há talvez — é certo — vem a morte.  
Bebo à saúde aqui do nosso amigo!

TODOS:

À saúde do Franz!

[FRANZ]:

Vá que o mereço!

Mas olha lá: dá cá o cangirão  
Então só eu não beberei à minha?

OUTRO:

Vá que é beber-lhe bem.

Não é por ser

Minha saúde. É só por ser vinho  
Minha mãe! Minha triste vida!  
Minha sorte!

(Chora)

OUTRO:

O que é isso?

[FRANZ]:

O cangirão

Não tem mais vinho! Caguei vida. Rei e corno!  
Um rei corno — isso sabe a não sei o quê!  
E o cangirão já não tem quase nada  
O rei corno e eu sem vinho.

(cai para debaixo da mesa)

FAUSTO:

Arre que besta! Mas tem sua graça!  
Está abraçado ao cangirão  
Diz que é uma rainha.

[FRANZ]:

Dá-me cá mais um gole

Que isto de leito e corpo de rainha  
Não é com quatro goles que se entende.  
Um rei corno — isso é grande! Alma danada  
Onde é que me escondeste ó cangirão?

(de debaixo da mesa)

Já o rei é corno!

FAUSTO:

Lá quanto a Deus

Quando o sinto a amargar-me a boca muito

Faço isto

(bebe)

Tomo um gole. E vai p'ra baixo.

TODOS:

Viva Fausto! Eia, viva! viva! viva!

FRITZ:

Mas a vida rapaz?

FAUSTO:

Caguei p'rá vida!

FRITZ:

Toma! É assim rapaz! Canta-me dessas!

És cá dos meus, apesar de doutor. . .

TODOS:

Doutor? Isto Doutor? Viva o Doutor!

FAUSTO:

Morra o doutor e viva Fausto! É assim!

TODOS:

Bravo. Morra o doutor e viva Fausto!

FRANZ:

. . .Revolta. . . Não compreendo bem

Passa-me o cangirão que já te entendo.

Sem mais dois goles não percebo nada.

FAUSTO:

Já percebes

Éstupor avinhado? Já me entendes?

Isto de vida — ouve — é sentir tudo

Meter o agradável num só dia

Como o pé num chinelo. Deixa lá

O cangirão e ouve. . . Isto de vida

É a gente gozar e após gozar

Gozar mais, entendeste?

FRANZ:

E depois disso?

FAUSTO:

Depois disso gozar mais ainda.

— Deixa-o lá. Só tem força p'ra beber.  
Não vê já mais que o olho do gargalo.

FRITZ:

Que é isso?

FRANZ:

Quero piscar o olho. Já me custa!  
Arre! Ou fecho ambos ou então nenhum.  
Bebendo mais um gole isto já passa. . .

FAUSTO:

Eu queria obter  
Uma enormidade de sensações  
Daquelas mais intensas que nós temos  
arrepio, calor, etcetra e tal. . .  
Isso como diz o matemático  
Elevado ao infinito e num momento  
Aqui é que é tentar chegar. . .

UM:

«Arrepio, calor, etcetra e tal»  
O que não se diz fica por dizer.

s. d.

Fausto — Tragédia Subjectiva. Fernando Pessoa. (Texto estabelecido por Teresa Sobral Cunha. Prefácio de Eduardo Lourenço.) Lisboa: Presença, 1988: 142.